

A METAMORFOSE DA CRÍTICA: JORGE DE SENA NA ENSAÍSTICA PORTUGUESA

Márcia Vieira Maia
UFRJ

*“Portugal, o velho conquistador das costas de África e Ásia, o colonizador da América, diz o snr. Herculano, tinha-se tornado, por sua vez, uma colônia do Brasil [...]”*¹

Oliveira Martins

*“Talvez os brasileiros se dediquem a colonizar Portugal (e não apenas as suas praias...), perdendo, de uma vez para sempre, complexos indignos das grandes virtudes que possuem, e da grandeza de um país extraordinário que eles conheceriam melhor, se conhecessem melhor Portugal do que julgam conhecer os portugueses.”*²

Jorge de Sena

Distanciadas entre si por quase um século de extensas transformações políticas, as duas epígrafes acima aproximam-se contudo em torno de uma mesma imagem da nação portuguesa: de colonizadora a colonizada. Essa dúplice configuração de Portugal em relação ao Brasil tem gerado sentimentos análogos aos revelados num outro contexto por Eduardo Lourenço, em *Nós e a Europa*. Aí, o ensaísta aponta que a cultura portuguesa vai pela primeira vez refletir sobre si mesma, dar-se um critério e um espelho críticos, através de Garrett e Herculano, escritores com os quais teria sido encontrado o justo termo entre o fascínio e o ressentimento pelas duas versões da Europa que disputam a alma lusitana. Ao descrever Herculano como sendo não apenas “o português moderno digno desse nome”, mas ainda “o arqueólogo de Portugal como memória recuperada e fundamento da compreensão positiva do seu presente”³, Lourenço reconhece no

¹ MARTINS, J. P. Oliveira. *História de Portugal* – vol.2. Lisboa: Bertrand, 1879. p.222.

² SENA, Jorge de. *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.100.

³ LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as duas razões*. 4.ed. Lisboa: IN-CM, 1994. p.29-30.

historiador romântico uma liberdade de pensamento tal que, já no século XIX, exerceu influência determinante nas convicções ideológicas dos integrantes da ‘Geração de 70’.

Retomemos portanto a afirmação de Herculano sobre o movimento de inversão nas relações entre a colônia e a metrópole (decorrente da transferência da família real portuguesa para o Brasil), palavras que inadvertidamente desencadearam um notório debate entre Eça de Queirós e Pinheiro Chagas, a partir de sua inclusão pelo primeiro numa de suas mais conhecidas *Cartas de Inglaterra*, intitulada “Brasil e Portugal”. Interessa-nos uma breve recordação da polêmica: nessa parte da correspondência enviada ao jornal brasileiro *Gazeta de notícias*, Eça aborda um artigo do *Times* dedicado ao Brasil, limitando-se a intercalar longas traduções da publicação inglesa com sucintas opiniões pessoais, visto admitir que, por nunca haver visitado o país, não teria “naturalmente autoridade para apreciar as revelações [...] sobre o religião, a cultura, os produtos, o comércio, a emigração, o carácter nacional, o nível de educação, a situação dos portugueses, a dinastia, a Constituição, a república”. Após citar a passagem do *Times* referente à ruptura dos laços coloniais pelo Brasil, Eça é irônico em seu comentário: “Estávamos para com ele naquela melancólica situação de velho fidalgo, solteirão arrasado, desdentado e trôpego, que treme e se baba diante de uma governanta bonita e forte. Nós verdadeiramente é que éramos a colônia: e era com atrozes sustos do coração, que [...] estendíamos para lá a mão à esmola”⁴. Esse trecho do escrito queirosiano repercutiu a ponto de ser criticado por Pinheiro Chagas num artigo publicado no *Atlântico*, também denominado “Brasil e Portugal”, que por sua vez suscitou uma homônima carta-resposta de Eça (incluída no volume *Notas Contemporâneas*). Nela, revoltado com as hediondas acusações de que teria “injuriado e descomposto Portugal”⁵, Eça principia por repudiar em Pinheiro Chagas um patriotismo que, em vez de ser de “utilidade pública”, era

⁴ QUEIRÓS, Eça de. *Cartas de Inglaterra e crônicas de Londres*. Lisboa: Livros do Brasil, 2000. p.165 e 168.

⁵ QUEIRÓS, Eça de. *Notas contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil, 2000. p.43.

apenas “curiosidade arqueológica”; a seguir, enfatiza a distinção entre os patriotas que respeitam a tradição, mas cujo esforço vai todo para a nação viva, daqueles para quem a pátria é aquela que há séculos embarcou para a Índia.

Decisivo para uma análise lúcida da crise finissecular, o posicionamento de Eça diante das novas relações luso-brasileiras instauradas a partir da revolução liberal será aprofundado, ao longo do século XX, pela atitude crítica de vários outros intelectuais portugueses que refletiram sobre os vínculos ainda hoje existentes entre Brasil e Portugal. No campo literário, destacamos Jorge de Sena, em especial sua obra ensaística, onde o escritor aborda com particular atenção questões de interesse recíproco aos dois países.

Se há um consenso entre os pensadores oitocentistas ao destacarem as consequências da então recente mudança nos laços portugueses com sua ex-colônia, também nos estudos senianos essas transformações são consideradas determinantes inclusive de uma certa visão depreciativa que gradativamente se foi difundindo e ainda permaneceria arraigada:

“A ideia comumente aceite de que a Literatura Portuguesa seja uma literatura menor de um pequeno e isolado país não tem qualquer razão de ser. Esta falsa idéia foi gerada no séc. XIX, e pode até dizer-se que os próprios portugueses foram em parte responsáveis por isso, com a sua obsessão da decadência histórica ao terem de enfrentar o crescente poder de outros países”⁶.

Objetivando elucidar tal equívoco, Sena investiga minuciosamente o desenvolvimento histórico da Literatura Portuguesa, européia e do Brasil colonial, enfatizando a sua indissociabilidade:

“A consideração de um período ‘colonial’ numa literatura desenvolvida de outra requer um duplo ponto de vista, usualmente passado em claro quer por historiadores quer por críticos. Estudar a literatura do Brasil colonial como separada da literatura portuguesa contemporânea, de que foi parte, é esquecer o que se ia tornando peculiar,

⁶ SENA, Jorge de. *Amor e outros verbetes*. Lisboa: Edições 70, 1992. p.236.

e perder a perspectiva de um crescimento que precisamente se quer salientar. E, claro está, que reduzi-la a um capítulo regional da portuguesa é também esquecer que se o crescimento dependeu sempre mais de como as tendências européias eram seguidas do que numa fechada continuidade de que nem mesmo as velhas literaturas podem realmente gabar-se, no entanto, esta continuidade mítica, estabelecida com finalidades nacionais, tornou-se mais tarde um factor de desenvolvimento em dar forma a uma consciência literária nacional”⁷.

Os detalhados verbetes sobre as literaturas portuguesa e brasileira elaborados por Sena para a *Encyclopaedia Britannica*, em 1974, comprovam o amadurecimento de sua atitude reflexiva a propósito de assuntos aos quais dedicou significativa atenção desde a juventude. De fato, já no começo da produção seniana encontramos dois artigos intitulados “Cultura Lusitana” – “Divagação Primeira” e “Divagação Segunda”, datados respectivamente de 1947 e 1948. Demonstrando neles uma nítida preocupação com a redução do prestígio da literatura portuguesa no Brasil e vice-versa, o autor constata que as relações culturais luso-brasileiras sofriam então de “um langor muito próximo do desinteresse”, fato no qual percebe um doloroso contra-senso a ser superado: “Para um povo, como o nosso, [...] impõe-se, menos que uma meditação do destino português num ambiente brasileiro, a integração do pensamento num ambiente de comunidade, visto que é na medida em que criam e conspurcam lugares comuns, que os povos se entendem”⁸. Reconhecendo que nas relações internacionais da cultura, ainda quando língua mesma as favoreça, sempre há um misto de atraso e vanguarda sobre o próprio panorama da literatura buscada, Sena declara:

“Que os críticos portugueses façam artigos divulgatórios não contribuirá para esclarecer as relações luso-brasileiras, pois que, além de raros em Portugal os críticos, mais raros são deles os que sabem falar dos outros. [...] Não necessita o Brasil de exposição do nosso passado, que conhece em vários pontos bem melhor que nós. E

⁷ SENA, Jorge de. *Amor e outros verbetes*. Lisboa: Edições 70, 1992. p.260-261.

⁸ SENA, Jorge de. *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.57-58.

do nosso presente, que vimos ser difícil conseguir expor com objectividade nossa, que, ao mesmo tempo, seja objectiva além-Atlântico, só resultará verdadeiramente vivo o que não for ostentação de cultura, de ideais, de intenções, mesmo até de obras. O que, portanto, for compreensão discreta e sofredora da realidade actual. Ao contrário do que comumente se crê, esta última não nos ultrapassa: ultrapassa-nos a ficção com que no-la encobrem”⁹.

Esse assunto continuaria a ser objeto das reflexões senianas numa época posterior: escritas nos anos de 1961 e 1962, as denominadas “Cartas do Brasil”, da primeira à quinta, serão fundamentais enquanto síntese de uma perspectiva única adquirida por Sena no seu exílio brasileiro, que lhe permitiu, ao contrário do admitido por Eça, contato estreito com uma realidade que o escritor esforçou-se por conhecer numa diversidade tamanha de manifestações que o levaram à perplexidade: “Enfim, que ao menos em Portugal se saiba quão desmesurado é o Brasil, e quão apesar de tudo, a sua literatura, tão variada, tão regional, e tão rica de grandes figuras, é pequena ainda para representá-lo”¹⁰. A partir daí surgem observações de cunho sociológico, a respeito, por exemplo, da imagem que um povo composto em parte por descendentes de tão diversas nacionalidades como o brasileiro teria de Portugal: não berço dos antepassados, mas somente o país de onde provieram a civilização em que se integram e a língua que falam. Mas se para esses Portugal não é uma paisagem e uma cultura que tragam no sangue ou que conservem nos laços de família,

“não é, também, aquele país transatlântico de cujo domínio colonial o Brasil se libertou, nutrido sempre, em relação à Mãe-Pátria, uma atitude ambígua, repartida entre o sentimentalismo passadista e o desejo de uma autonomia desafiadoramente e desconfiadamente proclamada que foi sempre, com variantes diversas, a dos

⁹ SENA, Jorge de. *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.62.

¹⁰ SENA, Jorge de. *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.70.

‘quatrocentões’, isto é, dos brasileiros de raiz, longinquamente descendentes dos primeiros portugueses”¹¹.

O conteúdo das duas últimas cartas senianas surpreende-nos pela sua extrema atualidade: os rumos da Literatura Portuguesa no Brasil, quase restrita na época a uns poucos autores consagrados que integravam os currículos escolares e universitários. Ao longo de uma retrospectiva que abarca desde a implantação no Brasil dos estudos portugueses em nível de 3º grau, com Fidelino de Figueiredo, até aquele momento de rápida expansão quantitativa dos cursos de Letras, Sena demonstra como a ênfase dada pelos acadêmicos lusitanos à literatura portuguesa anterior a 1822 provocava um crescente afastamento entre as duas culturas, fato por demais relevante para continuar sendo esquecido:

“A presença da Literatura Portuguesa no Brasil é um problema da mais alta importância para Portugal, um problema que se coloca diversamente, segundo os planos em que for encarado: o do ensino dela ou o da difusão dela, já que, sem dúvida, nunca o ensino dela tendeu a ser tão difundido, e nunca a ignorância dela terá sido maior, apesar da sólida e vasta erudição de uma escassa minoria”¹².

Se, por um lado, a necessária incorporação de autores modernos aos estudos portugueses viria a efetuar-se nas décadas seguintes, por outro lado, certas questões também apontadas pelo escritor relativas à formação dos nossos professores na área permanecem até hoje em aberto. Convém aqui ressaltar uma informação que atesta o sólido conhecimento no qual se fundamentam suas opiniões sobre o ensino brasileiro: Sena pertenceu à comissão do Ministério Federal da Educação que elaborou o primeiro esboço da reforma depois promulgada pelo respectivo Conselho, aliás demonstrando-se várias vezes bastante honrado por ter sido “um dos pais da reforma universitária”. Enquanto a Lei de Diretrizes e Bases antes havia determinado que o estudo a língua portuguesa seria matéria principal do curso secundário, agora a referida

¹¹ SENA, Jorge de. *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.71.

¹² SENA, Jorge de. *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.81.

comissão estipulou, por unanimidade, que a formação em vernáculo compreendia indissolivelmente três matérias: língua portuguesa, literatura portuguesa e literatura brasileira, estas duas definidas como “estudo da língua, esteticamente considerada”, nas suas relativas áreas européia e americana¹³. Pouco depois, no ensaio “O problema dos estudos portugueses no Brasil: propostas concretas para uma solução urgente”, de 1963, os resultados desse trabalho de Sena são apresentados sob a forma de uma lista contendo dez medidas através das quais Portugal (por meio de uma instituição específica) contribuiria para reverter um quadro que, a seu ver, restringia as imensas possibilidades que no Brasil achavam-se disponíveis à cultura portuguesa. Coligidos também no volume *Estudos de cultura e literatura brasileira*, outros textos completam seu testemunho privilegiado sobre uma relação luso-brasileira captada em suas múltiplas e paradoxais feições, às vezes pautadas por sentimentos decorrentes de uma mútua incompreensão:

“Sem dúvida que a hostilidade [do Brasil] aos portugueses oculta um fascínio apaixonado e perplexo por um povo que descobriu o mundo, criou um império lingüístico... e, pelos seus elementos mais evidentes, é tão analfabeto. Por isso mesmo, não pode Portugal distrair-se de que a sua cultura é antepassada deste país, mas está ausente dele, como se o nosso fosse uma Roma extinta, de quem sobram campónios e banqueiros”¹⁴.

Sob o ponto de vista seniano, daí se explicaria a posição ambígua da literatura portuguesa no Brasil, situada em dois planos diversos: o de “ser a expressão a literária do passado da língua nacional” e o de “ser expressão contemporânea da língua, em nível estético, mas numa diferente área cultural”¹⁵. Esse assunto é tema integrante de uma comunicação, intitulada “Situação da literatura portuguesa – perspectivas portuguesas, brasileiras e estrangeiras, nos próximos 20 anos”, que Sena proferiu num colóquio em Harvard no ano de 1966, fato que atesta sua

¹³ SENA, Jorge de. *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.201.

¹⁴ SENA, Jorge de. *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Edições 70, 1988. p.99.

¹⁵ SENA, Jorge de. *Estudos de literatura portuguesa* – vol. III. Lisboa: Edições 70, 1988. p.75.

determinação em prosseguir num empenhado esforço de divulgação da cultura em língua portuguesa após sua transferência do Brasil. E será durante a permanência do autor nos Estados Unidos que serão produzidos ou publicados seus conclusivos estudos sobre Camões, ápice de uma obra ensaística cuja vastidão abarca a poesia, a ficção e o teatro, estendendo-se a literaturas estrangeiras sob a forma de crítica ou tradução, e sempre baseada num internacionalismo cultural adquirido por Sena ao longo de toda uma trajetória de vida.

Eduardo Lourenço, no artigo “Da metamorfose da crítica ou o crepúsculo do humanismo”¹⁶, esclarece que, se efetivamente sobreveio, na consideração da realidade literária, uma ruptura que consagrou o fim do Humanismo, a Nova Crítica (*New Criticism*), ao propiciar a reabilitação da Retórica - isto é, a análise aprofundada dos meios que instituem uma dada forma literária como obra integralmente estruturada -, vincula-se ao surgimento de uma Nova Retórica que é em essência uma Nova Poética, inserida no movimento de contestação literária e crítica do Romantismo, configurando-se como uma reação classicizante. É através dessa perspectiva que o mesmo Lourenço, no ensaio “Viagem no imaginário crítico de Jorge de Sena”, o define como “um dos nossos raros autores que possuiu um sentido trágico da vida, não na forma sentimental ou romântica do termo, mas na clássica”¹⁷. De que modo, então, poderíamos atribuir a Sena uma crítica humanista vinculada a uma certa noção de classicismo (termo este aliás exaustivamente discutido por ele, em suas várias acepções)? Sem dúvida, partindo do próprio conceito de literatura, utilizando para isso a definição elaborada por Sena em respectivo verbete, onde a idéia de universalidade sobressai como intrínseca ao fazer literário. A proposta seniana de que, num sentido razoável, nunca houve literaturas nacionais separadas umas das outras, porque todas sempre se interpenetraram, com maior ou menor intensidade, a ponto de às vezes as

¹⁶ LOURENÇO, Eduardo. *O canto do signo: existência e literatura*. Lisboa: Presença, 1994. p.52-60.

¹⁷ LOURENÇO, Eduardo. In: SANTOS, Gilda (org.): *Jorge de Sena em rotas entrecruzadas*. Lisboa: Cosmos, 1999. p.43

continuidades culturais serem mais fáceis de estabelecer de uma para outra literatura do que em sucessivos períodos de uma mesma¹⁸, fundamenta-se na evidência de que se o nacionalismo literário de raiz romântica desencadeou, por um lado, o surgimento de uma literatura nacional em cada país, por outro lado, seu próprio regionalismo implica uma contradição de valores entre o que tem interesse local e o que é universalizável. Essa contradição estaria presente até mesmo nas ditas ‘grandes’ literaturas, nas quais há numerosos autores que só atingiram a universalidade porque suas culturas se impuseram como tais. Sobre essa questão, Sena afirma:

“O problema fundamental da universalidade da literatura está em saber-se, ou reconhecer-se, o que humanamente é mais importante ou significativo: se o que aproxima os homens no tempo e no espaço, como seres submetidos a uma existência comum [...], se o que os separa por barreiras de tradições e costumes [...], dando-lhes ‘orgulho nacional’ em vez de ‘liberdade universal’. A universalidade das literaturas deve, pois, ao mesmo tempo, reconhecer e aceitar a diversidade das culturas que elas possam representar, e superar todas as limitações do ‘exótico’, do ‘distante’, do ‘peculiar’, para buscar a comunidade humana e a criação estética no tempo e no espaço.”¹⁹

Essa universalização literária talvez nos pareça inatingível ao lembrarmos que, sobretudo a partir do século XVI, algumas literaturas nacionais (principalmente européias) conquistaram para si uma universalidade devido à sua hegemonia política ou econômica, permitindo que nelas aparecessem como ‘clássicos universais’ autores menos eminentes que outros, de literaturas não tão reconhecidas universalmente, que jamais ultrapassaram as fronteiras de sua língua. Contudo, a literatura permanece sempre ligada a todo um passado humano que ela mesma, ao criar-se como patrimônio cultural da humanidade, ajuda a conservar. Nesse sentido, a obra seniana alcança de maneira emblemática aquela que o autor proclama ser a função

¹⁸ SENA, Jorge de. *Dialécticas teóricas da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1977. p.228-229.

¹⁹ SENA, Jorge de. *Amor e outros verbetes*. Lisboa: Edições 70, 1992. p.196-197.

primordial da literatura - exprimir o humano: “A noção de literatura universal implica a de uma sociologia da literatura que desmascare as pretensões e os preconceitos do gosto e da crítica, do mesmo modo que implica a integração de todos na humanidade em geral. Na verdade, é a única realização possível da famosa máxima: ‘Nada de humano me é alheio’”.²⁰

²⁰ SENA, Jorge de. *Dialécticas teóricas da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1977. p.233.